A gnose dos Utopistas

Bacon e a "Nova Atlântida"

O jovem Francis Bacon veio estudar em Paris, aos dezesseis anos. Ele seguiu no Collège de France os ensinamentos de Ramus. De fato, por volta de 1540, Pierre de la Ramée, conhecido como Ramus, havia defendido em Poitiers uma tese contra a onipresença de Aristóteles e foi admitido como mestre em artes. Em 1543, ele publicou sua tese sob o título "Aristotelæ animadversiones". Ele foi perseguido pelos doutores da Sorbonne. Ele havia formado discípulos no Collège de Presle, mas em 1551, o cardeal de Lorena lhe conseguiu uma cadeira de filosofia no Collège de France. Sob o pretexto de combater a escolástica, Bacon afirmou que todas as nossas ideias eram falsas e que era necessário refazer o entendimento. **Assim, ele minou a filosofia cristã.** Ele preparou um modelo de Enciclopédia que, sob a aparência de um repertório científico, não é mais que um instrumento para moldar mentes. Ele subordinou a inteligência aos sentidos. Ele distinguiu duas almas no homem, uma divina, o pneuma dos gnósticos, e outra material que é suficiente para as necessidades da natureza. **Dessa forma, ele deu origem às escolas modernas do sensualismo, do materialismo e do positivismo.** François Bacon, em seus escritos, apenas reproduziu o ensinamento de Ramus.

De volta à Inglaterra, Bacon tornou-se Guardião do Grande Selo sob a rainha Elizabeth, depois *Solicitor Geral* e *Attorney Geral* ou Chanceler sob o rei Jaime I, que o nobiliou sob o nome de Lord Verulam, Visconde de St-Alban.

Sua obra-prima é "A Nova Atlântida", concebida na sequência de "A Utopia" de Thomas More. Ela teve várias edições, em 1627 e 1638. Seu prefaciador, W. Rawley, a apresenta da seguinte forma:

> *«Sua Senhoria pensava em compor nesta fábula um corpo de leis destinadas a dar a forma ideal do melhor estado, a ser como o melhor modelo de uma República (Commonwealth). Esta fábula foi inventada para permitir a Bacon traçar o modelo, a descrição de um Colégio Acadêmico, instituído para a interpretação da Natureza, para a produção de grandes e maravilhosas obras com o objetivo de fazer o bem aos homens. A referida instituição leva o nome de "Casa de Salomão" ou "Colégio do trabalho dos seis dias". O fim que propõe nossa instituição (Casa ou Templo de Salomão) é* ***o conhecimento das causas*** *, a* ***noção secreta*** *das coisas, a ampliação dos limites do império humano, de modo a tocar em todas as coisas possíveis.*

O governador da Ilha, sentado em sua cadeira presidencial, começa assim sua introdução:

> *«Nós outros, insulanos de Ben-Salem, temos isso de particular, graças à nossa situação solitária, graças ao segredo que impomos aos nossos "viajantes", graças à rara admissão "de estrangeiros" (profanos) entre nós, conhecemos a maior parte do mundo habitado e permanecemos nós mesmos desconhecidos... Eu vou revelar-lhe, por amor de Deus e dos homens, o verdadeiro fundamento da Casa de Salomão. Eu lhe exporei o objetivo, os procedimentos, vou descrever os instrumentos que utilizamos. Vou lhe dizer os empregos atribuídos aos Fellows, as ordenações e os rituais que observamos».*

Assim como seu predecessor na Chancelaria, Thomas More, Francis Bacon continua suas pesquisas com o intuito de **institucionalizar as redes ocultistas**, já em funcionamento como vimos. Um século depois, será a criação finalmente da Sociedade Maçônica, como veremos em breve.

Mas aqui está um texto fundamental da "Nova Atlântida" que nos dará a chave de toda a subversão atual.

> *«Fiz a conhecer um comerciante da cidade. Ele se chamava Joabin. Era um judeu circuncidado. Em Ben-Salem, que os deixa livres para praticar sua religião, o que fazem ainda melhor porque são animados por todas as outras disposições que os de outros países. Estes últimos* ***odeiam o nome de Cristo e alimentam um sentimento secreto de vingança contra os povos cristãos*** *. Os judeus de Ben-Salem, ao contrário, reconhecem no Salvador vários atributos. Eles amam extremamente a nação de Ben-Salem. O judeu de quem lhe falo estava disposto a reconhecer que Cristo nasceu de uma virgem, que era mais que um homem. Ele contava como Deus o fez o príncipe dos Serafins, guardião de seu trono. Os judeus de Ben-Salem também chamam Cristo de "Via Láctea" e "Elí do Messias". Eles lhe dão outros grandes nomes. Embora essas qualificações o façam um ser inferior à Majestade divina,* ***elas diferem completamente*** *da linguagem dos judeus estrangeiros a Ben-Salem. Quanto a esta ilha, Joabin não poupava elogios. Ele gostava, conforme as tradições dos judeus da ilha, de acreditar que o povo de Ben-Salem era da geração de Abraão e descendia de outro de seus filhos chamado Nachuram. Eles acreditam que, em virtude de uma secreta cabala ("by a secret cabala"), Moisés é o verdadeiro autor das leis em vigor na ilha. Eles acreditam que, quando o Messias subir ao seu trono em Jerusalém, o rei de Ben-Salem se sentará aos pés do Messias da Cabala, enquanto os outros reis se manterão a uma grande distância».*

Os judeus cabalistas entenderam muito bem que não era possível derrubar o Cristianismo destruindo todas as igrejas e massacrando todos os cristãos. Era necessário, portanto, absorver o Cristianismo no Judaísmo, preparar os cristãos para viver e pensar judaicamente, apresentar-lhes o Cristo como um Anjo, enviado por Deus para anunciar a vinda do Verdadeiro Messias de Israel. Em suma, trazê-los a uma

exegese judaico-cristã, aquela que desenvolvemos em um estudo anterior (Etienne Couvert: *A Verdade sobre os Manuscritos do Mar Morto*, 2ª ed., p. 82 e ss). e à prática dos Judeus-cristãos, considerados como "Temerosos de Deus", prosélitos, "Gerim".

Essa é a razão de ser das Amizades judaico-cristãs. Essa é a explicação de toda a atitude atual do Vaticano em relação ao Judaísmo. Os cristãos devem se preparar para reconhecer o futuro Messias de Israel, quando ele aparecer em breve em Jerusalém e adorá-lo. Mas sabemos que se tratará do Anticristo.

Milton e "O Paraíso Perdido"

Milton era calvinista em 1640, mas, já em 1655, ele havia se libertado completamente de todos os sistemas religiosos. Sabemos que ele dominava o hebraico e o yiddish, que havia lido o Talmude e os rabinos da Idade Média. Ele os citou longamente em seus panfletos, já em 1642, em sua "*Apologia para Smectymnus*".

Para Milton, Deus é o Todo. A aparição dos seres separados corresponde a um desapego, a uma **libertação de Deus**. Isso é o que ele chama de livre-arbítrio, mas inscrito em um sistema panteísta, que constitui o ponto central de "O Paraíso Perdido" e de seu tratado sobre "Doutrina Cristã". Essa libertação de Deus só pode se realizar por meio de um "recuo de Deus sobre si mesmo". Tese cabalista bem conhecida. É Deus quem nos diz:

> *«O abismo é sem limite, porque eu sou aquele que preenche o infinito e o espaço não está vazio. - Embora eu me retire, eu que nada limita - e não exerço minha força que é livre - de agir ou não agir, a necessidade e o acaso - não me tocam e minha vontade é meu destino» (Paradise Lost, VII, 170).*

Deus é o infinito imutável, inconhecível e não manifestado. É o En Sof, o "sem fim" do Zoar, é também "Ayn", o "Nada", que nos é, portanto, inconhecível. O filho de Deus é o finito, o ser expresso e manifestado pela emanação. Estamos sempre na lógica da Cabala. Todas as almas formam uma unidade com a alma por excelência. Todos os seres são "Uma primeira matéria". Nosso corpo é feito da substância divina; a matéria dos seres é de origem divina. A matéria é "de Deus e em Deus", ela contém em si todas as possibilidades de vida e inteligência. É dela que surgem todos os seres, de tal forma que não há diferença entre as coisas inanimadas e os animais, entre os animais e os homens, entre o homem e os espíritos, já que tudo é feito da substância de Deus. Tudo surge da matéria. Esta doutrina é ao mesmo tempo **panteísta e materialista**.

Milton é um apaixonado, **violentamente revoltado contra a teologia, contra Deus, contra tudo que é clérigo e obra do clérigo**, pelo que manifesta um desprezo insultante, uma animosidade pessoal e orgulhosa que permeia todos os seus panfletos.

Uma vez que Deus é tudo, ele também é o Mal. Satanás confirma: «O filho de Deus, eu também sou» («The son of Good I also am» (IV, 518). É Deus quem eleva à Glória os Bons e afasta de si os maus, que são uma parte dele mesmo. Daí se vê que o livre-arbítrio pregado por Milton não se

exerce em relação aos bens da natureza, mas em relação a Deus. Estamos, por nossa emanação, liberados de toda lei externa a nós mesmos, pois possuímos em nós a verdade. É preciso **abolir o Decálogo**: «A lei mosaica, escreve ele, toda ela é abolida, estamos desvinculados de toda obrigação ao Decálogo, assim como do resto da lei».

Assim se obtém a justificativa de todos os instintos. Essa liberdade de toda religião ("**A Liberdade Religiosa**") demonstra **a inanidade das igrejas e dos sacerdotes**. «Cada crente tem o direito de interpretar as Escrituras por si mesmo, pois ele tem o espírito como guia e o Espírito de Cristo está nele». Portanto, é necessário expulsar os sacerdotes das Universidades: «A dizer verdade, seria muito melhor que não houvesse um único teólogo nas Universidades e que não houvesse mais teologia de Escola vinda deles, esse câncer da religião».

Daí a Democracia: «As assembleias livres do povo são de Deus. Todos os reis devem sua soberania ao povo apenas e são responsáveis diante dele». Consequência última do Panteísmo **já que Deus é Tudo**. **Essa é a verdadeira lógica de todos os sistemas democráticos...**

"O Paraíso Perdido" de Milton foi incluído no Index pelo papa Bento XIV. Milton também escreveu uma "Lógica" de acordo com Ramus e uma biografia desse filósofo. Ataque dirigido contra as Universidades de Oxford e Cambridge. Mas é interessante notar a influência considerável de Ramus sobre os escritores ingleses. Já vimos isso em relação a Francis Bacon (Etienne Couvert, *A Gnose contra a Fé*, p. 89).

Podemos resumir assim o pensamento de Milton:

1°) A teoria da criação por retraimento, emprestada do Zohar,

2°) A concepção de um demiurgo, distinto do Deus absoluto, emprestada de todas as Gnoses,

3°) O livre-arbítrio que nos liberta da sujeição a Deus,

4°) O caráter divino da matéria, que é a natureza do grande Todo e que produz as formas de todos os seres,

5°) A ideia de que, portanto, não há diferença entre o corpo e a alma.

Revision #4
Created 27 October 2024 18:43:51 by Admin
Updated 27 October 2024 21:41:14 by Admin